



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS : MÉTODOS E CONTRAMÉTODOS

Autor : Cristina Rolim Chyczy Bruno.

*PUC-Pr. [crisrol@terra.com.br](mailto:crisrol@terra.com.br)*

Co-autor : Sarita Aparecida Fortunato.

*TUIUTI-Pr. [saritafortunato@uol.com.br](mailto:saritafortunato@uol.com.br)*

### Resumo

A pesquisa apresenta uma reflexão acerca do método Paulo Freire, conjugado a um estudo dos métodos tradicionais da alfabetização, pensados para ensinar às crianças a leitura e a escrita. Traz à baila um debate acerca dos princípios que os métodos recorrem para alfabetizar tanto os adultos como as crianças. Destaca o trabalho de Paulo Freire, enfatizando a contribuição do autor para a inauguração de um método para alfabetizar adultos, considerando suas experiências e suas histórias de vida . Optamos pela dialética como método de estudo para a pesquisa, tendo em vista que esta concebe o olhar do pesquisador em constante movimento, em razão da infinita riqueza que a realidade oferece. Os resultados da pesquisa apontam para a concepção do processo da alfabetização como um ato político, um esforço de humanização com vistas a tomar posse da realidade. Com destaque para a conscientização, os estudos sobre o trabalho de Freire mostram o respeito à linguagem do educando. A crença central da pesquisa assenta-se na ideia de que não basta apenas a escola ensinar a codificar e decodificar, o que tem sido uma prática histórica. Relevante é entender os estudantes enquanto sujeitos ativos no processo da aprendizagem, e, principalmente, criadores do ato educativo. Ensinar o jovem e o adulto a ler e escrever, é a base do projeto de Paulo Freire, todavia, seu propósito é muito mais ambicioso, seus investimentos estão voltados para que o educando seja capaz de analisar e entender aspectos de sua própria experiência existencial.

**Palavras-chave:** Alfabetização de Jovens e Adultos, Método Paulo Freire, Atuação Docente.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## Introdução

A presente pesquisa tem como tema as ideias de Paulo Freire para a alfabetização de jovens e adultos, em especial o método pensado pelo autor para a alfabetização, o qual assenta-se em uma proposta muito distante da construção da leitura e escrita a partir de estruturas mecânicas e repetitivas. Destarte, Freire, parte da cultura dos educandos, que enfrentam as durezas de um dia de trabalho; o método circunscreve o debate de situações existenciais que compõem o universo temático dos educandos.

Vale destacar que os conceitos trabalhados nesta produção referem-se às formulações de Freire, diante do desafio de alfabetizar pessoas do povo; tal foi o agente provocador de sua teoria. Nesse viés é que os sentimentos-linguagens dos “analfabetos”, constituem-se em “unidade epocal”, caracterizada pelo autor como conjunto de ideias, de concepções, esperanças, dúvidas, valores, desafios, que só podem ser encontradas na relação do “homem com o mundo”.

Optamos pela organização da pesquisa, obedecendo à seguinte distribuição: Referencial Teórico, que apresenta os principais pressupostos formulados por Paulo Freire no que tange à alfabetização, assim como outros autores que contribuíram para o estudo dos métodos, em especial os voltados à alfabetização. Posteriormente, tratamos da Metodologia, momento em que explicamos acerca de nossa opção metodológica. Posteriormente, Análise dos Resultados, tópico reflexivo acerca das considerações a que os estudos conduziram, e, por fim, as Considerações Finais.

Nosso objetivo é retratar a relevância de uma proposta de alfabetização voltada ao universo do adulto, pois em Freire é possível vislumbrar um trabalho com a apreensão do código escrito, para além de sequências favoráveis à apreensão de fonemas e grafemas artificiais, pois como preconizava Paulo Freire (2011, p.55) :



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade [...] há uma pluralidade nas relações do homem com o mundo, na medida em que responde à ampla variedade dos desafios. Em que não se esgota um tipo padronizado de resposta. A sua pluralidade não é só em face dos diferentes desafios que partem do seu contexto, mas em face de um mesmo desafio. No jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder. Organiza-se. Testa-se. Age. Faz tudo isso com a certeza de quem usa uma ferramenta.

O texto acima, extraído da obra “Educação como prática da liberdade” (2011) traz a atuação tanto dos que aprendem, como dos que ensinam, enquanto sujeitos ativos no processo da aprendizagem, e, principalmente, criadores do ato educativo. O autor é crítico severo da educação que ele mesmo denomina de bancária, que vê no estudante aquele que recebe, passivo, o que o professor transmite, desconsiderando a relevância da interação entre esses sujeitos.

Paulo Freire, em sua construção acerca da educação problematizadora, nos traz a possibilidade da alfabetização enquanto construção, que não submete o sujeito à condição de alienação, gerada pela ignorância. Concebe uma alfabetização que vai além da apreensão do código escrito e tem como “foco” a conscientização, na perspectiva de que a conscientização parte do reconhecimento de que cada pessoa traz em si o universo inteiro, a totalidade das relações. Esse reconhecimento vai, por isso, até o ponto de postular que o processo de conquista da liberdade individual é o detonador do processo de liberdade coletiva. Assentada nesses reconhecimentos está a alfabetização que compreende a apreensão do código escrito como uma invenção, reinvenção, busca inquieta e permanente, mediada pelo mundo e com os outros; que nega “vozes mortas” que indagam se “Ada deu o dedo ao urubu, para depois dizer-lhes enfaticamente, que não, que Ada deu o dedo à Arara” (FREIRE, 2005a, p.70).

Indubitavelmente, essa negação de “vozes mortas” carrega consigo o potencial de uma proposta de “educação criadora de cultura, de uma nova cultura, não se identifica com a prática pedagógica bancária, na qual o saber é depositado na cabeça do aluno como se fosse um recipiente passivo de conteúdos” (MESQUIDA, 2007, p. 21).



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Com vistas a colocar em ação essa concepção de alfabetização, articulada à teoria e à prática do professor problematizador, foi que Freire concebeu o Método Ativo. Segundo *O Dicionário Paulo Freire*, organizado em 2000, por Streck, Redin e Zitzoski, no sentido de buscar uma aproximação dos estudiosos de Paulo Freire com suas leituras sob diferentes perspectivas de uma mesma obra, Paludo (2010, p. 264) esclarece:

Em Freire, não é possível recriar o método dissociado da teoria que lhe confere significado. Talvez por isso Freire não tenha realizado discussões conceituais isoladas a respeito da palavra *metodologia* e da palavra *método*. [...] A proposição do caminho a percorrer e o jeito de caminhar na concretização do trabalho popular requer a compreensão de que a educação, ou a *ação para a liberdade*, envolve o campo cognitivo e estético, mas parte e retorna ao âmbito político e social, daí o conceito de práxis, como movimento articulador do processo prática – teoria – prática – teoria – prática... que se estende indefinidamente. [...] Para recriar o método Paulo Freire é necessário, então, que os que trabalham junto dos oprimidos, assumam os pressupostos que permitem construir o caminho e o jeito de fazer, buscando a máxima coerência possível entre a prática realizada e a teoria que lhe confere sentido.

Imerso nesses conhecimentos, a premissa básica do trabalho desse professor alfabetizador era a pesquisa do universo temático dos educandos; isso, a favor do desvelamento da realidade, envolvidos e envolvendo “situações limites”. Nesse envolvimento é que nascem as “tarefas”; que no bojo da concepção aqui retratada, são as respostas dos homens diante de suas ações históricas.

A situação em que se assentava todo esse trabalho alfabetizador era a prática do diálogo, entendido por Freire enquanto um ato de criação, um encontro dos homens para o ser mais. Porém, jamais reduzido a um ato de depositar ideias, mas num contexto em que nasce a intensa fé nos homens, no pensar verdadeiro, no pensar crítico que percebe a realidade enquanto um processo. No diálogo é que acontecia o trabalho com a palavra geradora, extraída do universo temático dos alunos. Veja-se a definição de Freire (2005a, p.149):



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

[...] melhor palavra geradora é aquela que reúne em si a porcentagem mais alta de critérios sintáticos (possibilidade ou riqueza fonética, grau de dificuldade fonética complexa, possibilidade de manipulação de conjuntos de signos, de sílabas etc.), semânticos (maior ou menor intensidade de relação entre a palavra e o ser que designa), poder de conscientização que a palavra tem potencialmente, ou conjunto de reações sócio-culturais que a palavra gera na pessoa que a utiliza.

Contudo, é no diálogo que essa palavra adquire anseios, dúvidas, esperanças. Por isso, jamais podemos acreditar que “tijolo”, “luta”, “favela”... sejam apenas palavras. Diante do estofa teórico, essas palavras, nascidas do esforço criador dos alfabetizandos, impregnadas de teor pragmático, engajadas na realidade social, cultural e política, eram “problemas” a serem desvendados; e por assim dizer “textos” provocativos que “cobravam” dos envolvidos no processo, o desvelamento, a crítica, a produção do pensamento. Essas premissas, aqui expressas, se justificam, na medida que pretendem revelar a novidade que Paulo Freire trouxe à epistemologia.

Trazemos a perspectiva da novidade encontrada nas bases pedagógicas freireanas, pois quando adentramos nos estudos dos métodos de ensino da leitura e da escrita, verificamos que os mesmos foram pensados para ensinar a criança, sempre focados na infância. O universo do aluno jovem, ou adulto, que não sabia ler e escrever, era negligenciado; então esse público, pela primeira vez, recebeu um “olhar”: o olhar curioso, investigativo e afetivo de Freire, acerca de como se dá a aquisição da linguagem oral e escrita.

Por outra parte, quando investigamos acerca do surgimento dos métodos de alfabetização, percebemos que, por ocasião de sua adoção na realidade brasileira, o método, voltado à criança, esta concebida como um ser imperfeito, passível de ser moldada. Um mergulho na história dos métodos da alfabetização nos leva à Mortatti (2000), que esclarece que no final do Império, o ensino, de uma maneira geral, carecia de organização. As classes de alunos eram agrupadas sem nenhuma distinção de idade ou nível de aprendizagem e o ensino da leitura era precário. A autora descreve o “Método Sintético” como abordagem que sustentava as práticas alfabetizadoras na época; a condução do método previa que, para aprender a ler, era necessário iniciar pela



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

parte, ou seja: letras, ou famílias silábicas, para então, chegar ao todo: palavras ou frases. Isso, sempre considerando a ordem crescente das dificuldades da leitura. Nessa perspectiva, a escrita pautava-se em exercícios de caligrafia, cópias, ditados e formação de frases.

Considerando que no século XIX, as ideias pedagógicas, psicológicas e linguísticas em curso impactam sobremaneira o ensino da leitura e escrita na escola, Mortatti (2000) retrata que, a partir da primeira década republicana, as escolas passam a defender o “Método Analítico”, método proposto pelo poeta João de Deus, em Portugal, trazido a São Paulo e Espírito Santo pelo advogado e ativista político Antônio Silva Jardim.

O método analítico, também conhecido pelo método da palavração, prevê a iniciação do ensino da leitura pela *palavra*. O ensino da leitura, sob tal princípio, é tratado como uma questão de ordem didática, e em contrapartida ao “Método Sintético”, agora o ensino da leitura inicia-se a partir do todo, e por isto entenda-se uma palavra, uma sentença, uma historieta. Historieta é o “conjunto de frases relacionados entre si, por meio de nexos lógicos” (MORTATTI, 2000, p. 7). Exemplificando, a partir da palavra “(BOLO) analisam-se as sílabas (BO-LO), desenvolve-se a família silábica da primeira letra que a compõe (BA-BE-BI-BO-BU) e chega-se às letras” (MENDONÇA, 2003, p. 37).

As leituras relativas ao tema revelam que, a partir da primeira República, os professores das escolas normais passam a defender o método analítico, e esses mesmos docentes contribuíram para a institucionalização do método. A apreciação dos professores, porém, de maneira geral, trazem insatisfações acerca desse método; as insatisfações assentam-se em sua lentidão, e também, em seus resultados, que não correspondiam ao esperado (MORTATTI, 2000).

A leitura acerca da história e da natureza dos métodos de alfabetização no Brasil mostra que, por muito tempo, permaneceu a luta entre métodos sintéticos versus métodos analíticos. Mas, em verdade, partindo da “parte” ou partindo do “todo”, nenhuma dessas abordagens provocou resultados efetivos no que diz respeito a uma





## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

nova visão de leitura e escrita, assim como, o cenário do analfabetismo no Brasil não apresentava significativas mudanças diante das abordagens metodológicas. Outro aspecto fundamental é que esses métodos têm sua origem voltada à alfabetização das crianças, como foi abordado anteriormente; de tal forma não prevê, em sua fundamentação, o trabalho com a aquisição da leitura e escrita pelo adulto analfabeto. Em suma, quando transportados à alfabetização de adultos, os métodos adotavam os mesmos princípios usados para com as crianças, sem considerar a natureza desse outro tipo de alunado, que consigo carregava experiências de vida, a responsabilidade do trabalho, de seu próprio sustento, assim como o sustento de suas famílias. Com efeito, quando Paulo Freire surge com os fundamentos do “Método Ativo”, inaugura na história da educação no Brasil, uma abordagem metodológica voltada ao trabalho com a leitura e a escrita, pensando no adulto não alfabetizado. Vale mencionar que, segundo análises feitas para esta pesquisa, essa abordagem não tem nenhuma relação, seja com o “Método Analítico”, anteriormente descrito, e menos ainda, com o “Método Sintético”. Essa afirmação é feita em virtude de pressupostos que classificam o trabalho de Paulo Freire, na alfabetização, como um “Método Analítico”, ou da palavração, porque parte da palavra, unidade menor de sentido, para então chegar ao “todo” que são as frases, ou o texto. O exemplo que segue fundamenta a explicação e por reiteradas vezes é encontrado em bibliografias na área da alfabetização; em Carvalho (2011, p. 43) encontramos, pois, a seguinte definição:

A metodologia proposta por Paulo Freire também se classifica como palavração, com a importante diferença que as palavras geradoras (palavras-chave) apresentadas ao adulto analfabeto são pesquisadas no universo vocabular deles próprios; devem estar relacionadas com temas geradores de discussão sobre aspectos da vida política e social do Brasil e além disso propiciar a produção de um grande número de palavras novas pela combinação de sílabas das palavras-chave.

Em que pese toda a experiência acerca da alfabetização, por parte da pesquisadora acima, é certo que as palavras que sustentam a proposta de Freire, não estão em afinidade com a concepção de palavra que propugnava o método analítico (ou



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

da palavração), pois as palavras no universo freireano, como já citado anteriormente, eram expressão da experiência existencial dos adultos não alfabetizados; assim, não são apresentadas no sentido apenas de alfabetizar, mas com vistas à conscientização. O próprio Freire (2011) declara-se incisivamente contra a invenção de sua proposta de alfabetização como um método analítico-sintético; defende sim, que ele, juntamente com seu grupo de trabalho, retirou o aspecto puramente mecânico da alfabetização, associando-a à perigosa conscientização. Declara Freire (2005) que o trabalhador precisa de muita paciência, depois de uma jornada extenuante de trabalho, para “lições que citam a asa: Pedro viu a asa, A asa é do pássaro, ou as que falam de Evas e as uvas a homens que, sabem pouquíssimo sobre Eva e jamais comeram uvas” (FREIRE, 2005a, p.47).

### **Metodologia**

A pesquisa aqui retratada lança mão da dialética enquanto método de investigação. Entende-se por método, neste contexto, o caminho “pelo qual se atinge um fim [...] Somente um método científico permitirá elaborar a concepção científica do mundo, necessária à ação transformadora” (BESSE; CAVEING, 2002, p. 24).

A opção pela dialética está no fato de que esta concebe o olhar do pesquisador em constante movimento, em razão da infinita riqueza que a realidade oferece. Adentrar no campo da educação, em especial na alfabetização de jovens e adultos, que atende um grande número de sujeitos excluídos do sistema educacional, exige do pesquisador esse olhar atento à riqueza da realidade. A pesquisa tomou para si alguns princípios, como: investigar e discutir ideias, não primar por verdades estabelecidas e, sim considerar sempre diferentes enfoques dos objetos de estudo. Também, conforme os autores anteriormente citados, a dialética se caracteriza por apresentar elementos muito claros a serem seguidos pelo pensamento e pela ação, e um deles é considerar que tudo está intimamente relacionado. Besse e Caveing (2002) destacam que o problema/objeto





## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

pensado/pesquisado, não pode ser compreendido e explicado sem considerar a sua ligação com os “fenômenos” (no sentido daquilo que aparece), isto é, com outros problemas/objetos que o cercam, procurando ir a sua raiz. Afirmam os autores que a realidade é um todo, e, de tal forma, os aspectos da realidade prendem-se por laços necessários e recíprocos. O intento é refletir sobre a alfabetização, a partir dos pressupostos de Pulo Freire, sem perder de vista o movimento, a prática real, no espaço social e no tempo histórico.

### **Análise dos Resultados**

A intenção e o esforço na busca da conscientização ficam revelados nos diferentes Círculos de Cultura promovidos por Freire e seu grupo de trabalho no processo da alfabetização de adultos; destacamos o Círculo de Cultura desenvolvido no Estado do Rio de Janeiro, e aplicado também na Guanabara, em que a palavra geradora eleita foi *favela*. Na perspectiva da palavra *favela* outras palavras eram debatidas e analisadas, como: habitação, alimentação, vestuário, saúde, educação. Assim, se vê que a palavra constituía-se muito mais que um elemento gráfico, um pretexto para alfabetizar. Ainda que agregadas ao debate em torno da palavra, estavam inseridas as figuras do pintor Francisco Brenand, refeitas por Vicente de Abreu que representam o homem no mundo e com o mundo. As figuras também expressam que a alfabetização na perspectiva das bases pedagógicas freireanas, não compartilhavam dos pressupostos nos quais se assentavam o método analítico; como esclarece Freire:

[...] o código é a representação de uma situação existencial, o descodificador tende a passar da representação à situação muito concreta, na qual e com a qual trabalha. Assim é possível explicar, por meio de conceitos, por que os indivíduos começam a portar-se de uma maneira diferente frente à realidade objetiva, uma vez que esta realidade deixou de apresentar-se como um beco sem saída e tomou o seu verdadeiro aspecto; um desafio a que os homens devem responder (FREIRE, 2005a, p. 36-37).



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A explicação de Freire assinala que a abordagem da palavra é para problematizar a partir de uma situação concreta e existencial, como no caso da palavra *favela*. A palavra foi refletida de modo problematizador entre professores e alunos, e a decodificação atingiu um nível crítico de conhecimento, tudo isso partindo da experiência que o aluno traz consigo. Então, quando esse aluno escreve *favela*, ele não está apenas representando graficamente uma palavra qualquer, mas sim, percebendo as “relações entre os elementos da codificação e entre os fatos que a situação real apresenta, relações que antes não eram percebidas” (FREIRE, 2005a, p. 36). Todavia, há que considerar que todo debate gerado em torno da palavra *favela*, certamente provocou não só a apreensão do código, como também, uma compreensão bem diferente da favela, anterior à participação desse aluno no Círculo da Cultura.

Em análise, quando se apresenta uma palavra, como a descrita, apresenta-se um novo entendimento da mesma; por outra parte, uma nova forma de o estudante encarar a realidade que a palavra designa. Sem dúvida, não podemos conceber essa palavra como “*parte*” diante de todo seu universo impregnado de sentidos e existências.

Na obra *Alfabetização e Letramento*, Soares (2013), acerca da alfabetização em Freire, colhe-se que, em vez de Eva e uva, há favelas e tijolos, e essas palavras não contemplam apenas uma “sequência adequada de aprendizagem das relações fonemas-grafemas”; elas carregam consigo o universo social, político e cultural, vislumbrando a tomada de consciência e a superação da consciência ingênua, tornando a escrita reflexiva e reveladora da existência de quem aprende. Assim, os pressupostos da alfabetização em Freire, não comungam da mesma visão de alfabetização em que o método analítico se fundamentava, pois segundo esse método, as palavras eram pretextos para aquisição da leitura e da grafia. Já em Freire a palavra não é alienada, a palavra nomeia o mundo, é um movimento de expressão, assim é pronúncia do mundo, com possibilidade de provocar ações transformadoras.

Desta maneira, o processo da alfabetização é um ato político, como o próprio Freire descreve; é um esforço de humanização com vistas a “tomar posse” da realidade. No viés da “posse da realidade” é que está a conscientização, que é a categoria central



do trabalho de Freire, pois a conscientização é o “olhar mais crítico possível da realidade” (FREIRE, 2005b, p.36).

### **Considerações Finais**

Nos dias atuais, passados 52 anos, desde que 300 trabalhadores rurais foram alfabetizados em Angicos por Paulo Freire e seu grupo de trabalho, não há como pensar na constituição de um sujeito cidadão, sem o domínio da leitura e da escrita. Afinal, hoje, mais que nunca, o sujeito necessita saber ler e escrever, tanto para inserir-se no mundo do trabalho, como para acessar práticas sociais do dia a dia, no banco, no ônibus, nas compras, na igreja, na farmácia. Quando tratamos do domínio da leitura, estamos abordando esse domínio na perspectiva de Freire: ler, entender o que leu, e “usar” dessa leitura para “transformar”, nem que seja a si próprio. Não basta apenas a escola ensinar a codificar e decodificar, o que tem sido uma prática histórica, como já vimos na presente pesquisa, no contexto da educação de jovens e adultos.

Diante de novos debates no campo da alfabetização, é relevante destacar a relação entre a alfabetização e o letramento, relação essa presente na pauta da educação, em especial na alfabetização. Santos e Mendonça (2007) apresentam dados elucidativos sobre a temática quando descrevem que, no contexto brasileiro, o termo letramento não substitui a alfabetização, mas sim, está associado a ela. As autoras retratam que a **palavra** letramento, tem sua origem no cenário americano, vindo do inglês *literacy*. Os debates em torno do letramento decorrem diante do fato de que durante a primeira guerra mundial, os soldados que lutavam nas batalhas, evidenciaram dificuldades em ler e compreender os textos instrucionais de guerra. Note-se que em um país em que o analfabetismo é inexistente, a ausência do entendimento acerca da leitura foi o que desencadeou os debates e pesquisas acerca do letramento. O fato demonstra que os estudos sobre o **letramento** iniciaram em contexto americano, e a partir daí, decorrem as pesquisas que aconteceram no Brasil.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Soares (2013) apresenta significativas contribuições em relação à temática, quando retrata que as práticas de letramento preveem um aprendiz ativo, interagindo com a leitura e seus usos sociais e práticos. A autora situa a prática do letramento e a formação do sujeito letrado para além do ler e escrever um simples bilhete; traz, enquanto características desse sujeito, o domínio da escrita alfabética, lançando mão dessa escrita em diversas oportunidades de uso, refletindo com propriedade acerca desses usos, acessando diferentes textos que circulam socialmente. Assim, a autora assevera que a construção do sujeito letrado se dá por meio de sua imersão em experiências culturais.

Temos que, diante desse contexto, a escola precisa assegurar diariamente a vivência de práticas reais de leitura e produção de textos diversificados, uma vez que o acesso ao mundo letrado, não perpassa por práticas de encher a sala de aula com recortes de jornais, ou rótulos, pois para a construção do sujeito letrado, o aprendiz necessita vivenciar no cotidiano escolar, situações em que textos são lidos e escritos, porque atendem à determinada finalidade.

O propósito em trazer à baila as relações entre alfabetização e o letramento é o de contextualizar que os debates contemporâneos acerca da alfabetização, revelam o quanto Freire foi além, diante dos conhecimentos acerca da apreensão da língua escrita de sua época, quando trouxe o processo de alfabetização na perspectiva da leitura da palavra, articulada à leitura de mundo. As palavras, em Freire, extraídas do universo vocabular dos alfabetizandos, possuíam elevado grau de riqueza e dificuldade fonética, possibilitando a manipulação dos conjuntos de sílabas, conhecimentos esses necessários ao entendimento de como se processa a leitura e a escrita.

Em Freire, no encaminhamento de sua proposta para alfabetizar adultos, enxergamos os pressupostos que hoje são esclarecidos para a condução da prática alfabetizadora. Neste cenário, os estudos sobre o trabalho do intelectual mostram o respeito à linguagem do educando, na apresentação da sistemática de associação consoante vogal, na composição da sílaba. Sensível ao adulto trabalhador, engajado na aprendizagem de ler e escrever, Freire juntamente com seu grupo, jamais reduziu esta



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sistemática a um trabalho de repetição. Na condução da escrita estava a apresentação das famílias silábicas da palavra geradora, por conseguinte, outras palavras surgiam, conseqüentemente, acontecia a construção de frases e textos, e daí a análise e a reflexão acerca do momento histórico em que os sujeitos estavam inseridos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESSE Guy; CAVEING Maurice. **Politzer**: princípios fundamentais da filosofia.. São Paulo: Hemus, 2002.

CARVALHO. Marlene. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. Rio de Janeiro: Vozes. 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Conscientização**: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Freire. 3.ed. São Paulo: Centauro, 2005b.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2011.

MENDONÇA, Olympio Correa. **Alfabetização**: método sociolinguístico, consciência social, silábica, e alfabética em Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 2003.

MESQUIDA, Peri. A paideia freireana: a utopia da formação como prática da liberdade. In: BEHRENS, Marilda Aparecida; ENS, Romilda Teodora. VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos. (Orgs). **Discutindo a educação na dimensão da práxis**. Curitiba: Champagnat, 2007.

MORTATTI, Maria do Rocio. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo: Editora Unesp. 2000.

PALUDO, Conceição. In: STRECK, Danilo R.; REDIN. Euclides.; ZITKOSKI, Jaime José. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 264-267.

SANTOS, Carmi; MENDONÇA, Marcia. **Alfabetização e letramento**: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2013.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides.; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.